

A PRÁTICA PSICANALÍTICA EM EXTENSÃO E DECOLONIAL COM OS SUJEITOS ADOLESCENTES: Novas Possibilidades

Cláudio Ramos Peixoto¹

Shala de Souza Silva²

Thaiana Souza Vilas Monzo³

Introdução

O presente trabalho busca discutir uma práxis apoiada nas contribuições da psicanálise em uma política clínica que propõe a ruptura com uma perspectiva individualizante e psicopatologizante da adolescência, suas demandas e especificidades.

Configura uma tentativa de reafirmar a criação de espaços em que a psicanálise com adolescentes possa ser exercida com objetivo de romper com as estruturas socioculturais tradicionais e seus modos de subjetivação. É resultado de intensa reflexão e pesquisa sobre impasses e contradições encontrados na clínica com adolescentes e que, frequentemente, são negligenciados em projetos e políticas públicas direcionadas a tal público.

Ao observar o campo da saúde mental no Brasil para adolescentes podemos constatar a necessidade de superar práticas de produção de subjetividades sem corpo, sem história e sem desejos. Faz-se necessário, portanto, atualizar as ferramentas conceituais e metodológicas para construir uma prática transformadora em um espaço voltado aos adolescentes e suas especificidades. A Ong Chega Junto nasce do incômodo frente a esse cenário, fundamentando-se na práxis psicanalítica como instrumento de resistência e alternativa aos imperativos neoliberais que invocam práticas medicalizantes sobre os corpos dos adolescentes.

Nesse quesito, como o trabalho clínico-estrito e lato senso-com base psicanalítica destinado a atender adolescentes, pode promover uma nova

compreensão sobre o adolescer, rompendo com ideias e conceitos a que nos submetemos pacificamente há séculos?

Objetivos

Em âmbito geral, apresentar a prática psicanalítica de colonial e extensão através do trabalho da Ong Chega Junto, localizado no município de Vassouras-RJ; como iniciativa diferenciada de acolhimento e escuta dos sujeitos adolescentes. De maneira específica: I- Promover reflexões sobre a prática psicanalítica com adolescentes dentro e fora da clínica; II- Debater sobre as políticas públicas de assistências a adolescentes; III- Criar espaços para a circulação da palavra.

Metodologia

A metodologia utilizada pautou-se em uma pesquisa-ação qualitativa apoiada numa prática psicanalítica de colonial que toma como base os conceitos de “conversação” (MILLER,2003) e “coletivo” (OURY, 2009) destinada a sujeitos adolescentes.

Ong Chega Junto: uma saída criativa frente a lógica colonialista

O conceito de adolescência surge de uma monocultura ocidental eurocêntrica no final do século XIX consolidando-se pela Europa em meados do século XX.

Desde o seu surgimento como conceito definidor de uma etapa da vida humana, é possível perceber que o sujeito adolescente não só teve um lugar socialmente atribuído tardiamente nas famílias nucleares, como também foi submetido a padrões de ser e estar no mundo antes mesmo de existir. As políticas públicas e os serviços de apoio por serem atravessados por essa lógica colonialista, reforçam práticas e posturas considerando o sujeito adolescente sob uma perspectiva eurocêntrica que:

“[...] tem como plano de fundo a colonialidade do poder, do ser, do saber e do corpo. O ECA não deu espaço aos sujeitos “outros”, ou seja, crianças e adolescentes que não se enquadram no padrão que se estabeleceu ao longo dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX na Europa e trazido à América Latina através da colonialidade (JÚNIOR & MELLO, 2020, pág. 304 e 305)”.

Na pós-modernidade capitalista novos padrões e novas demandas surgem, fazendo com que o sujeito adolescente mais uma vez esteja submetido a um jeito de ser, estar e até mesmo ter na sociedade em que vive. Tais fatores, somados às transformações psíquicas, corporais e sociais, podem colocar esse sujeito em angústia e sofrimento. Vale ressaltar nesse momento que, a maneira como cada sujeito adolescente pode lidar tanto com as exigências externas (família, sociedade, cultura) como com as transformações já mencionadas é particular, dependerá da singularidade e história de vida de cada sujeito. Estes últimos podem acabar sendo suprimidos pelo sistema eurocêntrico ainda vigente. Diante desse cenário, surgem questionamentos sobre como promover um furo nesse sistema buscando outras formas de se pensar o cuidado desses sujeitos adolescentes para além da lógica colonial.

Chega Junto, uma organização não governamental situada no município de Vassouras-RJ, foi criada a partir destes questionamentos. Sua criação decorre de um intenso trabalho de pesquisa de campo em escolas públicas da região com adolescentes. Estas pediam auxílio tanto a psicologia quanto a psicanálise para solucionar problemas comportamentais e cognitivos de seus alunos que tinham como resolução um enorme quantitativo de encaminhamentos aos serviços médicos do município. Após várias intervenções e propostas de alternativas de ação a equipes docentes desses espaços, chegou-se à conclusão de que era necessário mais que propor soluções: era preciso construí-las em conjunto com os mais interessados, os sujeitos adolescentes. Além disso, também ficou evidente a urgência de um espaço específico para estes.

Chega Junto é resultado de trabalhos desenvolvidos inicialmente em supervisões de estágios e grupos de pesquisas na área de psicologia. Atualmente seus gestores baseiam-se na psicanálise, na psicologia institucional e numa aposta de uma psicologia de colonial. Como vimos, se a adolescência é vista como uma lógica criada pelo pensamento eurocêntrico, a Ong Chega Junto vem com uma espécie de proposta ao avesso: romper com a ideologia colonialista das formas de existir através da abertura do leque de possibilidades para o devir.

Sua prática acontece por meio de uma psicanálise em extensão, isto é, além do espaço físico da Ong Chega Junto – onde são ofertados atendimentos clínicos e um espaço de livre circulação da palavra – há também sua atuação extramuros, por meio de intervenções nos coletivos escolares, compreendendo o trabalho no coletivo como “o paradoxo de preservar a dimensão singular do sujeito dentro de uma organização geral” (GEOFFROY & ALBERTI, 2015, pág. 247).

Isso significa dizer que, trabalhar o coletivo consiste em levar em conta qualquer grupo considerando cada sujeito que o compõe. Tomemos como exemplo a escola na qual intervimos atualmente. Nela realizamos a prática psicanalítica das *Conversações* (MILLER, 2003). Pelo fato de representar um instrumento psicanalítico de promoção da circulação da palavra em um grupo de pessoas; a cada fala de cada sujeito emerge um traço de singularidade em meio a um coletivo.

Posto isso, a Ong Chega Junto aposta nos sujeitos adolescentes de tal forma que possam se implicar com seus desejos e com a realidade a sua volta. Para tal, por vezes é necessário intervir em coletivos, numa tentativa de construção de mais espaços onde os sujeitos possam ter voz e singularidades respeitadas.

Considerações Finais

Concordamos com Bock quando afirma que “as noções de adolescência e infância são históricas e culturalmente construídas, ou seja, não naturais”. (Bock 2007, apud JÚNIOR & MELLO, 2020, pág 292)

Entretanto, mesmo com o passar dos séculos, é possível perceber que o conceito de adolescência carrega os resquícios de uma construção colonialista da América Latina. Como efeito, os sujeitos adolescentes ainda são submetidos a um padrão normativo a ser seguido, não havendo brechas de falas e/ou contestações a respeito do lugar que lhes é atribuído.

Diante dos incômodos manifestados pelos sujeitos adolescentes desenvolve-se o desejo de se fazer um trabalho que vá de encontro a concepções eurocêntricas, com uma proposta de fazer uma psicanálise em extensão e de colonial.

Seja através de uma prática clínica, ou através de intervenções em espaços onde há a circulação de sujeitos adolescentes, o grande desafio da Ong Chega Junto é romper as barreiras da ideologia colonialista dos modos de pensar e agir sobre/com os adolescentes, contribuir para que esses sujeitos tenham mais voz e maior participação ativa na realidade que os cerca.

Referências Bibliográficas

GEOFFROY, R, M, G. ALBERTI, S. (2015). **Contribuições de Jean Oury para verificar uma possível emergência do sujeito na escola**. Estilos clin., São Paulo, v. 20, n. 2, p. 246-264. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v20n2/a06v20n2.pdf>>. Acesso em: 08 de jan. de 2023.

KUHN JUNIOR, N. MELLO, B. B. (2020). **A noção de infância e adolescência: inflexões de coloniais sobre os direitos de crianças e adolescentes na América Latina**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS. Vol. 12, n. 24, p. 284-312. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/11899/8356>>. Acesso em: 08 de jan. de 2023.

MILLER, Jacques-Alain. (2003). **Problemas de pareja: cinco modelos**. In: __. La pareja e el amor. Buenos Aires: Editora. (Conversación Clínica con Jacques-Alain Miller em Barcelona).

MIRANDA, M. P. SANTIAGO, A. L. (2011). **As conversações e a psicanálise aplicada à educação: um estudo do mal-estar do professor e o aluno considerado problema**. An 8 Col. LEPSI IP/FE-USP. On-line: ISBN 978-85-60944-35-4. 1-12 pág. Disponível em: <chrome-

extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://www.proceedings.scielo.br/pdf/lepsi/n8/a39n8.pdf>. Acesso em: 08 de janeiro de 2023.

OURY, J. **O coletivo**. São Paulo: Hucitec, 2009.